



*UM TOQUE DE
SOLIDÃO*

DANILO BARBOSA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Um Toque de Solidão

Danilo Barbosa

Um Toque de Solidão
Copyright © Danilo Barbosa
Edição Digital

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra sem o consentimento por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção.

Todos os personagens e situações aqui narradas são frutos da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Capa: {nome do capista}
Diagramação e Revisão: Nanie Dias

Ribeirão Preto, Brasil
2014

{Dedicatória}

Índice

[Um Toque de Solidão](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

Um Toque de Solidão

— Como cheguei a esse ponto?

Esta é a primeira coisa que vem à cabeça de Bento quando finalmente se olha no espelho. Passa a mão no vidro embaçado, tentando encontrar naquela discreta figura sem foco algum pedaço daquele que um dia foi. Não consegue fitar nada além de um vulto magro, cabelos arrepiados e dourados como uma espiga de milho, olhos verdes e embaçados. O corpo nu recoberto por uma pele branca, leitosa, característica daqueles que ficam muitas e muitas horas trancados em uma sala diante de um computador. No seu caso, especificamente, escrevendo matérias para um *site* de tecnologia. A barriga magra, pernas finas recobertas de pelos, o órgão flácido, o peito seco... O coração, a alma, a vida... Áridos como um deserto.

Para lhe fazer companhia, somente o silêncio autoimposto de um coração partido.

— Como chegamos a este momento? – sussurra para o espelho e o eco parece ganhar força, romper barreiras dentro do banheiro ainda quente. Olha o seu outro eu, o vítreo, mas não há resposta. Como toda boa testemunha, o reflexo apenas escuta, mudo de espanto diante das transformações que aconteceram ao redor de Bento. Há menos de um ano, a casa ressoava de sussurros, risadas e promessas de uma vida inteira a dois. Quando foi o exato instante em que tudo começou a ruir?

Um casal que ninguém imaginou ver longe um do outro. Bento, um proeminente jornalista *web*; Ariel, a tatuadora de um grande estúdio. O alto e magrelo com cara de *nerd* e a tatuadora baixinha e gordinha, vestida como uma *pin up*. Duas pessoas tão diferentes, mas que combinavam tanto...

Universos distantes cruzando-se em um evento de *steampunk*. Um bate papo onde aparentemente nada tinham a ver, e foi exatamente por isso que tudo se tornou tão interessante. Amor à primeira vista... Ou seria engrenagem, dado a importância do evento? Depois do bate-papo rolou um café, troca de olhares – o dela, fixado como o de um lobo faminto sobre a vovozinha que, no caso, era ele. O beijo veio da parte mais ansiosa. Ariel, a moça tatuada de cabelos vermelhos e nome de sereia, tirando os óculos de Bento e grudando na boca do rapaz, impulsiva como sempre. Foi ali que ele perdeu o fôlego, o juízo e o coração nos lábios com gosto de morango da moça que tinha a Betty Boop tatuada em uma das nádegas... Mas isso Bento soube bem depois, em um episódio que, por decoro, não narrarei nesta história.

Começaram a namorar. Ariel entendeu um pouco de HTML, *frames* e por que iPhones e Macs faziam os olhos dele brilharem. Respeitava as horas que Bento passava em frente ao computador pesquisando *sites*, decifrando códigos e tendo longas conversas via Skype.

Bento foi a convenções de *tattoo* e conseguia ver um *piercing* ser aplicado sem desmaiar. Começou a se interessar pelas técnicas de cores e estilos das imagens criadas na pele. Até permitiu que fizessem uma pequena engrenagem dourada no peito, no local onde ficava o seu coração, em homenagem a Ariel. Tudo bem que Bento só se lembra dos cinco primeiros minutos do zumbido da agulha antes de desmaiar. Mas o importante é que fez. Bem, na época havia sido importante.

O primeiro beijo foi dela, mas o pedido de casamento, três anos depois, foi iniciativa de Bento. Na verdade, se dependesse deste *nerd*, a aliança já estaria no dedo dela logo no primeiro ano, mas como é típico de sua natureza, precisou reunir um pouco de coragem... Não, muita coragem para fazer a famosa pergunta. E também toda a tecnologia para conseguir reproduzir a sua declaração de amor no prédio em frente ao estúdio onde Ariel trabalhava que, por sinal, é o mais alto da cidade. Ariel e todas as mulheres disseram sim para o rapaz com cara de bom moço, com os olhos cheios de lágrimas emocionadas (Ariel já o havia convencido a trocar os óculos por lentes de contato).

Só quem foi ao casamento de Bento e Ariel sabe como foi tão lindo e inusitado como o amor que os uniu. Tinha cara tatuado de paletó e bermuda, menina vestida de *cosplayer* de *Sailor Moon* e casal saído da era vitoriana. Assim como eles, as pessoas que os rodeavam podiam parecer, à primeira vista, um monte de gente nada a ver. Mas era só fixar o olhar e perceber que todos se completavam, aquela deliciosa mistura chamada de *gente* que poucos são capazes de perceber.

Foram para o apartamento dele e, por incrível que pareça, engenhocas e agulhas viviam no mesmo ambiente em harmonia. Bento incentivava Ariel a crescer na sua área, ir às feiras que apareciam e brilhar com sua arte. Vibraram juntos quando as tatuagens criadas por ela foram matéria em uma das mais importantes revistas do segmento. Ela não fazia por menos, tentando acompanhar as matérias dele nos *sites* de tecnologia e indo a eventos em que ficava sem entender mais da metade dos termos. Mesmo que a tarefa fosse árdua, Ariel estava presente.

Era ela que o lembrava de comer quando se sentava em frente ao computador. Era ele que a acordava quando, mesmo com o despertador tocando no mais alto volume, seus olhos sequer se mexiam. Todo mundo imaginava que Bento e Ariel nunca iriam dar errado.

Mas não é que deu?

O sucesso veio para os dois, mas exigiu demais. A casa, antes lugar de zonas neutras e harmoniosas, se tornou um mero ponto de referência, onde ambos mal tinham tempo de compartilhar as conquistas um do outro. Queriam ser amantes, só que pareciam amigos. As palavras de amor deram lugar às alfinetadas de estresse. Por que Bento vivia só no computador? E Ariel tinha que ir a tantos lugares assim e ficar cercada com caras fortões nas fotos do Facebook?

Inseguros os dois, o mel antes tão doce azedou. Em uma discussão, Ariel agiu impulsivamente e falou que ia largar tudo para ir à Nova Zelândia, aprender sobre as tatuagens Maoris direto na fonte. Bento ficou sem reação. Não porque tivesse deixado de amá-la, mas a passividade sempre fez parte de sua pessoa. Às vezes, os homens se omitem não por orgulho... Só se acham fracos demais para lutar por aquilo que verdadeiramente importa. Escondem-se mais em si mesmos, ou dentro do mundinho digital, como é o caso do Bento, e esperam que tudo se resolva sozinho. Com medo de que os resultados não aconteçam como esperado, acabam por deixá-los acontecer.

Foi assim que Ariel foi embora, de mala e cuia, disposta a passar três meses na Nova Zelândia. Até esperou que no último momento Bento reagisse, mas quando ele finalmente resolveu dizer que amava, a porta já havia se fechado. Restou somente o eco solitário que ainda lhe faz companhia. Esse mesmo resquício recoberto de tentativas que ainda o cerca, naquele banheiro vazio em que o

encontramos, um mês depois.

Bento a segue em silêncio pela *internet*. Desde a chegada em Auckland até as fotos inusitadas na beira do vulcão da Ilha de Rangitoto até sua primeira *tattoo* nova para comemorar a chegada à “nova vida”. E ele? Como ficaria?

Ensaçou ligar para ela, curtir uma das fotos ou pelo menos mandar um *e-mail*, mas tremia como um doido, sem coragem. Será que era só ele que havia errado? Para ligar, ambos tinham de ter atitudes, arrumar soluções... Mas Bento nem tinha ideia de qual seria o primeiro passo a dar. Será que só um pedido de desculpas iria ajudar?

Ariel podia até se divertir, mas mesmo no paraíso estava se cercado em trabalho. Concentrou-se em traços, detalhes, contornos... Focou-se na precisão dos desenhos para esquecer a incerteza dos sentimentos. Queria que Bento tomasse atitudes, corresse atrás dela como acontecia naqueles filmes românticos que tanto gostava de ver. Revendo as atitudes de Bento, também analisava as suas e, colocando cada coisa em seu lugar, dividia o peso da culpa em partes iguais, a fim de que pudessem consertar o barco antes que naufragasse.

Mas o que tem de fantástico nesta história? O amor em si já não é fantástico?!

Quando ele se arrefece também. Por isso, quando Bento e Ariel se desentenderam, o grande exemplo de que os opostos se atraem caiu por terra. Amigos e conhecidos puseram-se a perguntar se o “felizes para sempre” realmente existia. Moças que estavam à procura de sua alma gêmea, inspiradas no exemplo de tão diferente casal, chegaram à conclusão de que é melhor ficarem sós. A vizinha beata viu naquela ruptura o sinal do fim dos tempos. Assim como Bento, que passou a sair cada vez menos do apartamento, muitas pessoas se miraram em seu exemplo e preferiram se acompanhar da solidão do que de outra pessoa.

E vamos falar a verdade: no mundo atual isso não é tão difícil. Duvida? Então me responda uma coisa: quantos amigos você tem na vida real? E através das ondas do *www*? Pense em um argumento convincente de que estou mentindo e posso até mudar de ideia.

Excesso de amor traz consequências... De solidão também. Então, por mais que não possa parecer importante para muita gente, Bento sem Ariel – ou vice-versa – causou um verdadeiro caos, que se não tivesse visto, sei lá se iria acreditar. E para narrar tudo em detalhes (pelo menos na forma que este singelo autor se lembra) vamos voltar ao banheiro de Bento e seu silêncio autoimposto.

Depois de se perder em pensamentos, a maioria deles a ver com Ariel, Bento resolveu fazer a única coisa que lhe restava: trabalhar. Colocou uma cueca e foi em direção à sala, desviando-se de caixas velhas de *pizza*, garrafas de cerveja vazias e um cheiro indescritível de meia velha. Tirou a camiseta suja da cadeira e se sentou em frente ao seu companheiro mais fiel. Ligou a máquina e, bocejando, esperou a *internet* conectar.

E esperou... Esperou... Nada.

Tentou jogar algo *offline* enquanto a *net* não vinha. Mas quem disse que os jogos abriam? Sinal nem do *Word*, com todas as suas matérias salvas. O computador parecia congelado.

Só faltava o seu computador dar pau mesmo... Saiu da frente da tela, irritado, e ligou a televisão. Fitou a tela, espantado. Estava passando o jornal da manhã. Explicando melhor, estava pausado o jornal da manhã. A imagem da moça do tempo parecia congelada, apontando o dedo para nuvens carregadas de chuva.

— Que droga está acontecendo?!

Pegou o controle e mudou de canal. Bispos estavam de mãos erguidas, parados em meio a sermões. O desenho parou na hora em que o coioote explodia, falhando em mais uma tentativa de pegar o pássaro veloz. Filmes, séries, até o canal para maiores de 18 anos... Tudo parado, fazendo as mais diversas caras e bocas, como se o tempo tivesse cansado de correr e tirado um cochilo. Vendo que o negócio era mais sério, pegou o celular. Sem sinal. O telefone do apartamento também não dava linha.

Correu os dedos pelo iPhone e nenhum aplicativo deu sinal de vida. Será que, como a sua vida, tudo tinha ficado em *pause*? Não tinha alternativa – Bento tinha de socializar. Por isso, se vestiu e foi para a rua. Desceu o elevador que, graças aos céus não tinha sido atingido pelo misterioso ocorrido e, em poucos minutos, alcançou a calçada que estava cheia de gente. Assustado, Bento viu pessoas andando pelas ruas, perdidas, querendo saber o que estava acontecendo. Outros, trancados em suas casas, miravam as janelas assustados com o ocorrido. Os murmúrios eram quebrados por carros acelerados, isentos do som alto, já que os rádios também resolveram se silenciar. Toda forma de alheamento e distração resolveu sair do alcance das pessoas, boicotar aquele descanso solitário tantas vezes preciso.

Pegou o carro e se dirigiu à casa de Jeremias, outro amigo viciado em tecnologias. Encontrou-o aparvalhado, de *shorts* e camiseta, sem ação diante do computador. Bento o chacoalhou e o moreno rapaz pareceu piscar, como se despertasse de um pesadelo.

— Bento?

— Cara, o que aconteceu?

— Não sei...

— Como assim?! Alguém tem ideia do que aconteceu?

— Não. Estou sem dormir, acompanhando as notícias desde que este rolo começou. À meia-noite os jornais noticiaram que a *internet* caiu, a nível mundial. Durante horas, os jornalistas intrigados levantaram até a suposição de um ataque terrorista. Depois foram as rádios que saíram de cena e o assunto em vez de crescer, diminuiu, talvez por medo ou pela falta de respostas. Mas ainda tínhamos um posicionamento de hora em hora nas emissoras de televisão.

— Eu não vi nada. Tinha passado a noite anterior subindo matérias no *site*. Quando deu dez horas, já estava caindo de sono e fui para a cama – Bento comentou.

— Cara, em que mundo você anda?! Não sou de falar não, mas você precisa trazer a Ariel de volta para sua vida.

Bento fechou a cara na hora. Coçou os olhos, irritados com a lente de contato.

— Prefiro não falar sobre isso, Jeremias. Temos coisas muito piores acontecendo.

Jeremias, sem graça com a atitude de Bento, se desculpou baixinho antes de continuar o assunto.

— Bem, a questão é que tudo, aos poucos, foi desmoronando. A televisão foi a última, logo de manhã. Quando ainda tínhamos comunicação, os grupos que eu tenho no *Whatsapp* criaram as mais loucas teorias, mas a verdade é que ninguém sabe a verdade. Estamos literalmente cegos, sem formas de coletar qualquer tipo de informação.

— Alguma ideia?

— Bento, vou te falar a verdade: Se eu tivesse alguma religião, começaria a rezar. Pela primeira vez a humanidade está incomunicável e ninguém tem ideia do que ocorreu. Até que tudo se estabeleça, ficaremos à espera de um milagre. O mínimo que pode ocorrer...

— É o quê? – Bento se assustou com a cara de Jeremias.

O rapaz suspirou e continuou:

— É voltarmos à era das trevas tecnológicas. Se isso ocorrer, todo o mundo que nós conhecemos vai ser passado.

Um silêncio estranho ficou entre os dois, sustentado pelo zumbido da televisão e sua imagem congelada. Faltava apenas a música tensa de fundo para parecer um final de capítulo de novela latina. Enquanto Bento tentava encaixar as ideias, pensando nele, em Ariel incomunicável e no possível fim do mundo que se aproximava, Jeremias se levantou e pegou uma cerveja gelada na cozinha.

— Sei que ainda é de manhã, mas estamos precisando.

Bento coçou mais uma vez os olhos, colocando ainda na sua lista de pensamentos as saudades dos seus bons e velhos óculos, e absorveu a bebida gelada lentamente. E pela primeira vez, degustando o frescor do álcool, Bento verdadeiramente pensou. Sem subterfúgios ou interrupções de ligações, ruídos de televisão ou o chamado insistente de qualquer aparelhagem eletrônica, o jovem sentiu todo o peso de sua pequenez diante do mundo. Não aquele planeta de *bytes* e ondas que julgava capaz de elucidar em um simples digitar apressado, e sim aquele gigantesco mistério que se mostrava diante dele pela primeira vez.

Sentia falta de toque. De utilizar o tato, o mais esquecido dos seus sentidos. E o que eu, o narrador desta história posso lhes afirmar, é que a saudade que começa a transbordar em Bento não é a de roçar os dedos pelas letras brancas do seu teclado, a porta de passagem ao reino virtual. Ansiava por Ariel, a única capaz de proporcionar-lhe um pouco de humanidade. A cada gole relembrava os sorrisos, as brincadeiras, o colorido que ela era capaz de criar com a agulha entre seus dedos. Viu-se definhando sem o calor do braço dela em suas mãos, o frio do seu *piercings* contra sua boca, a sensação dos cabelos dela roçando suas costas. Não aguentando mais, Bento chorou, ali mesmo, como criança, diante de um Jeremias de boca aberta, barba por fazer, sem ação.

Soluçou inconsolável, pois, por mais que soubesse o que deveria fazer, o mundo lhe virara às costas, deixara-o incomunicável com a única pessoa que Bento queria que lhe escutasse. Jeremias, tal qual um mamute desengonçado e sem graça, buscou um rolo de papel higiênico e o entregou ao seu magrelo e esticado amigo, parecido com um louva-a-deus, para que assoasse o nariz e se recompusesse.

— E aí, cara... Está melhor?

Bento só pôde assentir com a cabeça. Jeremias então se sentou ao seu lado, vagorosamente, com receio de que qualquer gesto mais brusco fizesse o amigo se debulhar em lágrimas novamente.

— Eu até consigo imaginar porque você está assim... É por causa da Ariel, né?!

Bento respondeu com uma fungada.

— Por que deixou-a ir embora então, cara?

Este magrelo exemplar anti-herói bem que tentou explicar. Poderia declarar em alto e bom tom que era otário, bobo ou tímido demais. Que a deixou ir embora simplesmente por achar que não a merecesse, ou quem sabe fosse o contrário. Afirmar com toda dignidade que a vida profissional os afastou. Mas o máximo que fez foi chacoalhar os ombros. Para que dar explicação, se não tinha a mínima ideia de quando falaria com sua sereia *pin-up* novamente?

— Vamos sair daqui – foi a próxima frase que ele conseguiu dizer calmamente alguns minutos depois. — Acho que as pessoas devem estar se reunindo em algum lugar, a procura de notícias.

— Onde?

— Que tal na porta dos estúdios da TVP? – Bento afirmou, deixando que a lógica ocupasse toda a sua cabeça novamente. Depois pensaria em todo o resto.

A TVP, ou melhor, Televisão Virada Paulista, era o maior canal da região. E sucursal do maior canal do Brasil. Com certeza, se houvesse alguma informação em primeira mão sobre o misterioso “desligamento do mundo” era ali que a achariam.

Jeremias entrou no carro de Bento e foram para o estúdio. Alguns quilômetros antes o trânsito engarrafado confirmava as suspeitas: era para lá que a multidão se dirigia. Após umas buzinas e o típico anda-e-para do engarrafamento, os dois resolveram largar o veículo estacionado por ali mesmo e ir a pé até o estúdio.

Empurra-empurra, gente suada, criança chorando, mulher resmungando... Finalmente, após descobrir que andar entre alguns quarteirões pode ser uma verdadeira aventura, Bento e Jeremias chegaram à porta do estúdio. A frente do lugar, sempre tão ocupada de carros, pelo entra e sai de gente, estava vazia, interditada pela polícia. Nos carros oficiais, nem a estática do rádio era ouvido. Um palanque improvisado estava montado, onde um microfone estava sendo instalado.

— Som, som... Testando, 1, 2, 3...

Um toque de normalidade em torno daquela bagunça pareceu acalmar os ânimos. Bento, ao lado do amigo que não tirava os olhos do velhinho de uniforme cinzento que testava o som, não se deixava convencer tão fácil. Para ele, todo aquele “pão e circo” serviria só para distrair a população enquanto a verdadeira causa daquela bagunça não fosse descoberta. Procurou uma sombra e ficou ali, bem quietinho, de braços cruzados, aguardando que o porta-voz oficial do TVP se pronunciasse.

Pouco tempo depois a multidão foi se acalmando, silenciando, acompanhando com os olhos a bela moça que subia sem medo àquele palanque. Assim que ela se tornou o foco da atenção de todos, era possível notar o *toc toc* de seus saltos em direção ao microfone. Os espectadores daquela cena ao vivo pareciam estar em uma partida de tênis, cabeças ansiosas acompanhando cena a cena aquele momento decisivo. Bento se perguntava se ali iria presenciar algum fato histórico, um marco temporal da sociedade, quem sabe...

Tranquilamente, a bela loira, uma mistura de Uma Thurman e Julia Roberts com um discreto coque e óculos na ponta do nariz tal qual aquelas secretárias *sexies* de filmes classe B, bate o dedo apressada contra o microfone, gerando um zumbido irritante. Muitos presentes começaram a vaiá-la, mas o rosto da misteriosa moça não se alterou. Pigarreou uma, duas, três vezes antes de começar a falar.

— Boa tarde, senhores e senhoras... – começou, com uma vozinha hesitante e aguda.

Era nitidamente visível que a repórter (isso se fosse mesmo uma jornalista) não estava contente de ser o alvo das atenções. Ela esperou por um momento que as pessoas lhe respondessem para, finalmente, continuar o seu discurso. O salto batia no chão de madeira, ritmado, dando não só a Bento, mas a Jeremias e a qualquer um que estivesse por perto, a impressão de que ela estava doida para sair dali. As notícias, pelo visto, não deveriam ser boas.

— Bem, nós da TVP agradecemos esta demonstração de confiança que cada um dos presentes têm em nossa força como canal de informação. Infelizmente, como todos vocês, no momento estamos às cegas. Todas as emissoras afiliadas uniram forças e tentaram, juntas, encontrar a causa de tamanho fenômeno. Apesar de toda a tecnologia que tínhamos, logo de cara todos os sistemas entraram em pane e desligaram, deixando a todos nós de mãos atadas, sem respostas. Temos um plano de emergência para trocar informações através de cartas, já que os telefones não funcionam mais. A questão é descobrir se a ECT funciona sem a ajuda de aparelhos – desabafou à meia voz.

Metade da população ficou indignada. A outra se apavorou. Seria aquele o final dos tempos? O apocalipse bíblico finalmente se cumpriria? Entre os murmúrios que aumentavam consideravelmente, Bento tentava se concentrar, imaginando o grau do problema quando nem mesmo a imprensa tentava dar uma resposta plausível ao noticiar o que estava acontecendo ao seu redor. Indignado, viu que a pretensa jornalista voltou para dentro da estação sem dar maiores explicações. Alguns poucos gritaram, reclamando pelo abandono. A maioria se entreolhava, braços cruzados, sem ação. Comentavam o ocorrido, olhos arregalados, alguns úmidos, sem se tocarem, talvez por receio de tornar real o pesadelo que os rodeava. Filosofou, por apenas um momento, como as pessoas andavam tanto tempo à frente dos computadores, talvez tivessem desaprendido a tocar uns aos outros. Ou, quem sabe, imperasse nelas o medo de tocar em alguém e transformar o mundo virtual que os cercava em uma realidade nem tão legal assim..

Peraí! Com ele não acontecia a mesma coisa? “Sim”, Bento pensou abaixando a cabeça. Quando, nos últimos tempos, tivera a companhia de alguém por livre e espontânea vontade? Mesmo nos instantes que Ariel esteve ao seu lado, quando a sua cabeça estava realmente lá e não em um serviço que tinha para fazer ou um prazo a cumprir?

Bento tinha cada vez mais a certeza de que, às vezes, era preciso perder, e perder feio, para ganhar. No caso dele, precisou que uma catástrofe desconhecida, quem sabe a nível mundial, tirasse de sua frente tudo que conhecia para enfim criar coragem de ir atrás da mulher que amava. Mas sua coragem parecia ter certo *delay*, pois tudo estava de pernas para o ar.

Sem ligar para Jeremias ou o restante do povo que estava à sua volta, Bento sentou e chorou. Derramou lágrimas como uma criança, fungando desamparado, impedido de lutar pela mulher que amava. Constatou que, como muitos, era um homem sozinho, deixando-se levar pelas circunstâncias, permitindo ao ego dominar todo o corpo. Perdeu-se tanto procurando ser alguém para si mesmo, iludido entre trabalhos e conquistas, que deixara se afastar a única mulher que o via como sempre quisera. O canto de sua sereia estava ressoando em terras estrangeiras, precisando ir até lugares desconhecidos para atrair sua atenção. E como um guerreiro de *Dungeons and Dragons*, lutaria com quantos monstros fosse preciso para trazê-la de volta para sua vida. Só não sabia como ainda... Mas para tudo tinha um jeito.

— Bento, vamos embora. Chorar não adianta nada... – Jeremias tentava levantar o amigo, completamente sem jeito. Com uma só mão, pôs o magrelo Bento de volta ao prumo.

É nesse momento que, sintomaticamente, como se todos fossem apenas um ser, as pessoas

começar a deixar a área em torno do palanque improvisado, rumo a suas casas. Diante do desconhecido, a maioria deseja se cercar de pessoas conhecidas, ambientes acolhedores e esperar pelo melhor... Ou pelo pior.

— Pela primeira vez, estou me sentindo sozinho, Jeremias. Na minha vida, fui tocado por muitas coisas. Pela inteligência, pela felicidade, pela vontade... Sempre senti que não precisava de ninguém, nem da Ariel, para falar a verdade. Que se ela fosse, um dia voltaria. Mas agora que, sem nada, fui tocado pela minha própria solidão, estou sem rumo.

— Tudo vai se resolver, cara...

— Eu achava que podia ter o mundo ao alcance de um botão. E agora, o que eu tenho? Só você, cara.

— Você tem a ruiva, Bento. Ela não está aqui por perto, mas tenho certeza que está pensando em você.

— Será mesmo? As pessoas se tornam solitárias com tanta facilidade hoje em dia. Preferem caminhar sem companhia a ter alguém que as atrase. Quem sabe lá na Nova Zelândia a Ariel não tome gosto pela coisa e nem se lembre de mim...

— Pare de ser dramático, cara! Está louco? O negócio é esperar. O mundo inteiro está de pernas para o ar. Não só a sua vida. A gente não pode ser egoísta agora.

Bento concordou e lentamente voltavam para o carro quando algo os fez parar. Uma estática, um zumbido diferente, algo parecia tomar o rádio de todos os carros pelo caminho. Eles passaram em frente a um *magazine* e as televisões, que estavam sem sinal, de repente mostraram um vulto disforme, recoberto de chuviscos. Uma voz grave tomou os quatro cantos da cidade, rompendo o silêncio, com a mesma voz incessante:

— Solicitamos a todos que voltem às suas casas. Assim que todos estiverem acomodados, será feito um pronunciamento oficial sobre o problema que atingiu todo o planeta. Por favor, voltem todos às suas casas. Assim que todos estiverem acomodados, será feito um pronunciamento oficial...

Como se eletrocutados, o povo ganhou vida, se movimentando rapidamente como um formigueiro em pleno dia de trabalho. Todos queriam a tranquilidade de seus mundinhos de volta, trancados como joias entre quatro paredes, comunicando-se através dos canais normais, já que é muito difícil lidar com outras pessoas olhando nos olhos.

Bento e Jeremias não fizeram diferente. Enxugando rapidamente os olhos, ambos correram para o carro e em poucos minutos, o grandalhão se despedia do nosso magro herói – se é que podemos chamá-lo assim – com um sutil gesto. O *nerd* nem se incomodou, correu para casa, doido para saber qual o mistério que se escondia por trás de tão inusitado fenômeno. Seria talvez um atentado terrorista de nível mundial? Como o mundo reagiria após tamanho susto?

Estacionou o carro de qualquer jeito e subiu para o seu apartamento, sem respirar. Parecia um garotinho prestes a ganhar o *videogame* que tanto desejava. A dor da saudade de Ariel continuava por lá, mas tinha esperança de que isso acabasse logo e de que em breve pudesse ver a sua esposa.

— Minha mulher... – palavras que o enchiam de orgulho. Repetia-as em voz alta assim que fechou a porta do seu apartamento, deixando que o som da sua voz rompesse o silêncio noturno. Aumentava o volume para não sentir-se tão sozinho...

Não acendeu a luz. Ficou em frente à televisão recoberta de estática, como se fugido de uma cena

de *Poltergeist*, falando consigo mesmo em uma espécie de oração. Deu voz aos seus desejos, medos e anseios, pedindo a Deus, ou a quem o escutasse, que tudo terminasse bem. Decidiu e prometeu a si mesmo ser mais ousado, aventureiro, disposto a conhecer o mundo em sua totalidade, sentir o vento do mar no rosto em vez de só vê-lo pela tela do Mac. Acompanhar Ariel na vida, em vez de vê-la sumindo pela janela. Iria dar um basta à rotina e procurar por novas formas de ser feliz.

— Se a vida lhe der uma rasteira, não basta só passar a mão na bunda dela. Temos de levá-la para cama e não deixar ela se esquecer de você... — Bento fala alto, resoluto a fazer diferente. Eis que, para confirmar isso, a tela da televisão se desanuvia. Espantado, ele fita uma sala ampla e clara, parecida com um grande salão de festas. Ao fundo, Bento vê pessoas passando o tempo todo correndo de um lado para outro, sem se esbarrar, entre diversas mesas, à meia luz. Muitos outros estão sentados, parecendo refletir; outros choram, alguns erguem o rosto e parecem sorrir, perdidos em pensamentos. O foco muda e percorre vários rostos. Para espanto de Bento, em meio às pessoas focalizadas pela lente, ele vê conhecidos, amigos com olhares perdidos, visualizando o nada.

Levanta-se assustado e toca a tela, sem saber o que está acontecendo. De repente, algo o apavora. Bento arfa e dá um pulo para trás quando vê o próprio rosto, com um olhar febril, em frente a um *notebook*, alheio ao mundo. Em frente a ele, do outro lado da mesa, Ariel está parada, olhando-o. Não sabe se vai embora ou se fica por ali, à espera de que Bento levante os olhos e a veja.

— O que diabos está acontecendo? — Bento grita. — Será que estou ficando maluco?

A cena muda. As mesas dão lugar a uma poltrona, em uma aconchegante sala. Nela, sentada, uma senhora de aparência austera o fita, parecendo desnudar a sua alma. Cabelos loiros, entremeados de mechas prateadas, estão presos em um coque firme. O rosto pesado de maquiagem, incapaz de emanar um sorriso. Com os braços apoiados nas pernas, parece por um momento irritada com um fato desconhecido. Agia como se estar ali fosse um peso além das necessidades, como se fosse obrigada a resolver algo que não lhe dissesse respeito. Um foco de luz se incideu sobre a misteriosa mulher, fazendo seu brinco de pérolas — negras, assim como sua roupa — brilharem. Parecia que Bento a conhecia, só não sabia de onde...

— Boa noite — começou a dizer a mulher, com uma voz grave, interrompendo suas indagações. — Muitos de vocês já me conhecem e, sem que eu queira, até frequentam este meu castelo. Ultimamente, com todas estas tecnologias, assumo que a visita de vocês é cada vez mais constante. Tanto que tive de criar uma ala nova só para recebê-los, como puderam ver.

— Quem é você, dona? Uma irmã da Hebe Camargo? — Bento devaneava em voz alta.

Como se lesse os pensamentos de Bento, a mulher se apresentou: — Para aqueles que ainda não lembram de onde me conhecem, eu sou a Solidão.

— Você está de brincadeira, né?

— Não, Bento, não estou.

O rapaz não conseguiu segurar o grito. Correu para a porta da frente, como se estivesse fugindo de um fantasma de filme de terror. É óbvio que a porta não abriu.

— Acalme-se e me escute, Bento. Assim como todo mundo está fazendo. Depois, se quiser sair, fique à vontade.

Bento ia começar a retrucar, quando a mulher se levantou uma das mãos e passou sobre a boca, indicando silêncio.

— E não me interrompa! – exigiu. No mesmo instante, a boca do rapaz pareceu colada. Ele não conseguia emitir nenhum murmúrio. Perdido de espanto, assentiu com a cabeça.

— Bom, como eu ia dizendo, eu sou a Solidão. Mesmo meio afastada, vivo entre as pessoas, desejos utópicos e falta de amor. Se a pessoa não tem amor próprio ou se desapega do amor ao próximo, quando menos se espera, olha o danadinho aqui conversando comigo.

A Solidão ensaiou um sorriso e se recostou na cadeira, mais relaxada. Suspirou e continuou a falar, como se através de suas explicações não resolvesse apenas os questionamentos de Bento, mas de todos que naquele momento deviam estar assistindo-a.

— Pois é, mesmo que não se lembrem, todo mundo vem de vez em quando passar alguns momentos comigo. Nestas visitas, alguns precisam dar uma rápida espiada, outros resolvem montar acampamento e ficar por tempo indeterminado. Mas que todo mundo precisa papear com a Solidão de vez em quando, isso é um fato. É graças a esses beijos que deixaram de acontecer, carícias que perdem a fome e olhares de estranheza que fazem as pessoas se recolherem que construo as bases deste lugar.

A Solidão se levantou de sua cadeira e foi em direção a uma porta no canto da sala. Esticou as mãos num gesto convidativo e seguiu por um amplo corredor, cercado por velas. À sua passagem, portas se abriam, revelando pequenos consultórios com divãs, onde pessoas falavam com cópias idênticas daquela fúnebre senhora. Bento via a cena se repetir em cada porta que passava – pessoas falando em voz alta sobre suas vidas e desilusões, e a Solidão às suas costas, recostada, parecendo saborear as palavras que planavam por ali.

— Me alimento da ilusão dos desejos mal contidos, das lágrimas no escuro e da necessidade de cada pessoa de ser entendida, mas quando não quer entender o outro. Por isso me procuram.. E por isso os acolho. – A sombra dela parecia ganhar dimensão pelas paredes conforme ela andava, o brilhante vestido negro arrastando pelo chão.

Abriu uma porta, entrando em um belo jardim, de rosas também negras. Bento via encantado o lugar refulgir sob o luar brilhante de estrelas. Cada passo que dava, a Solidão se tornava mais ativa, parecia ganhar peso, forma e cor diante dos olhos incautos do homem que só acreditava na exatidão das máquinas. Será que todo mundo estava tendo aquela experiência insana?

— Sim, Bento – mais uma vez a Solidão lia os seus pensamentos. — Cada um à sua forma, mas todos estão falando comigo. A humanidade precisava disso. Afinal, porque acha que fiz o mundo parar?

Se Bento pudesse abrir a boca naquela hora, ela estaria aberta, sem ação. Tinha cada vez mais certeza de que quando aquela experiência terminasse, o colocariam em uma camisa de força.

— Tirei vocês de frente das televisões, computadores e celulares porque as pessoas estão cada vez mais solitárias. A tecnologia ultimamente não anda aproximando as pessoas, as afasta. Não foi isso que aconteceu com você e Ariel? – Isso foi como um tapa na cara para Bento. — Tem ideia de quantos amigos perderam a fé no amor sem vocês como exemplo? Estou exausta, Bento. Estou cheia deste distanciamento autoimposto.

Por um momento, a Solidão parou e suspirou. Bento podia notar, por baixo da maquiagem, um par de olhos cansados. Ela não estava irritada apenas com as pessoas... Estava cansada de intermediar por elas.

— Minhas salas estão cada vez mais povoadas de pessoas perdidas que querem o próximo, mas têm medo de se aproximar, sonhar e desejar. As pessoas insistem em se esconder sob o brilho amarelado

das telas do computador. E como procuram por mim...

“Mas há pessoas que procuram por outras”, pensou Bento, “assim como eu fiz”.

— Sim, tem. Mas quando fazem isso pegam o primeiro coitado que aparece no caminho. O resultado? Dá merda. Acha que a pessoa é o príncipe – ou princesa – que sempre sonhou. Se joga de olhos fechados, sem saber se o coitado aguenta o tranco. Entrega-se a um ideal que não existe, isso sim. Aquela ideia linda, de acordo com o manual que a pessoa escreveu, existe só dentro da cabecinha dela. Aí vê que não é como imaginava, acha que tem salvação e tenta mudar o que é da natureza da outra pessoa. Ou seja, faz mais merda!

Bento concordou, meio sem graça. Não tinha feito um pouco disso também? Achava que conhecia Ariel tanto que a deixara ir, calado em um momento que um bom diálogo resolveria tudo.

— Está se reconhecendo, Bento? Por isso deixou a Ariel ir embora. Não se deu a chance de entender a cabeça dela. O que a sua sereia queria ou desejava? Em nenhum momento ela quis que vocês fossem ricos. Reconhecimento? Sim, é bom. Mas não que a escalada diminuísse o tempo que tanto prezavam um ao lado do outro.

Ele abaixou a cabeça. Sabia que havia errado. Havia procurado a Solidão por puro egoísmo. Sempre teve ao seu lado uma mulher que nunca o deixaria sozinho. Sentiu então sua boca se desgrudar. Por fim, suspirou e murmurou à tela da televisão.

— Agora não tem como mudar isso.

— Bento, direi a você a mesma coisa que estou dizendo a todos agora. Inclusive a Ariel... Pare de pensar assim. Por favor. Eu, que vivia de boa, aqui na tranquilidade do meu reino, já não posso mais ter um minuto de sossego. Tem tanta gente aqui perdida e sem rumo, com os olhos fechados para os pequenos momentos, que eu, a Solidão, nunca estive tão acompanhada!

— Foi por isso que desligou tudo por aqui? Todo e qualquer tipo de comunicação sem ser a olho no olho?

Ela assentiu e se aproximou ainda mais. Sua figura ocupava toda a tela.

— A partir de hoje, uma vez ao mês, quero que todos desliguem toda e qualquer comunicação digital e saiam às ruas. Quero vê-los se abraçando, se tocando, conversando olhos nos olhos. Parem de se prender às minhas saias graças à tecnologia que criaram. Desocupem minhas salas! Não dependam de máquinas para serem felizes. Dependam de si mesmos.

— Quer, então, que todo mundo saia às ruas à procura de seus amores? Um combate definitivo contra a Solidão, ou seja, a senhora?

— Nada de se apoiar uns nos outros. Ninguém é muleta, Bento. As pessoas devem se completar e não servir de apoio umas às outras. A felicidade nunca é aquilo que imaginamos, aquele felizes para sempre de conto de fadas. São os pequenos momentos que fazem a vida melhor. A Ariel nunca será a mulher que você imagina. Será ela mesma e você caminhará ao lado dela assim, com todo amor e impulsividade que ela tenha. Já está mais do que na hora de tirar esta aura de heroísmo ou santidade de cima dela. Goste dessa falsa imagem ou não.

— Dona Solidão, entendi tudo isso. Mas me diga uma coisa: se nós todos a abandonarmos, a senhora não vai sumir?

— Vocês nunca deixarão de, em um momento ou outro, se sentirem sozinhos. Eu também faço

parte da vida de vocês, é claro. Mas não sempre.

— E quando a gente pode procurá-la?

— Nos momentos em que vocês precisarem entender os próprios sentimentos. Buscar o eixo das vidas, crescer, encontrar a própria voz dentro do mundo. Nestas horas eu os acompanharei.

— Acho que finalmente consegui compreender a linha de raciocínio da Solidão...

Pela primeira vez, ela riu. Uma risada seca, velha, antiga, capaz de fazer Bento se arrepiar. Mas mesmo assim, um gesto amigável vindo dela pela primeira vez.

— Então agora preste atenção ao meu último recado. A Solidão vai te dar um toque, mais uma chance, desde que me obedeça e tire as máquinas da sua vida, da vida de todos vocês por pelo menos um dia. Nesta data, quero que vão viver experiências reais. Quero contatos, afagos, beijos e sorrisos. Saiam do meu lado e vão ganhar o mundo. Pode ir viver ao lado de Ariel, Bento. Eu saberei quando precisar de mim. E repito: nada de agarrar na minha saia feito um bebê chorão para se esconder da Vida. Ela sempre vai te alcançar.

— Agradeço à senhora, viu?! Garanto que vou correr atrás de viver ao lado da Ariel...

— Não perca tempo então! Agora vá! A Solidão também precisa ficar só...

Tão rapidamente quanto se iniciou, a transmissão sumiu, dando lugar à programação normal da televisão. Meia hora depois, os repórteres entraram em cena, tirando os enlatados programados para serem exibidos dia após dia do ar, e falaram sobre o incrível discurso que haviam presenciado. A imprensa do mundo todo comentava, nas mais diversas línguas, a fala da misteriosa senhora. Ela tinha as mais diversas formas, cores e raças. Falava às pessoas com propriedade, como se soubesse cada detalhe de suas vidas. Alguns entrevistados viam a situação com incredulidade, outros com fé renovada. Diversos países do mundo sugeriam que o dia seguinte fosse instaurado como feriado nacional, intitulado o Dia da Humanidade. Bento via as notícias correrem, ainda sem acreditar que aquilo era real. Fitava as imagens correrem a tela, indiferente ao toque ininterrupto do Skype lhe chamando.

Não soube por quanto tempo ficou ali. Só saiu do seu devaneio quando alguém esmurrou a porta do seu apartamento.

Meio hesitante, Bento viu através do olho mágico a alta silhueta de Jeremias, impaciente diante de sua demora. Ao abrir a porta, o magro rapaz foi recebido com esfuziante alegria pelos grandes braços de urso do amigo.

— Eu vim buscá-lo, Bento – Jeremias foi logo dizendo.

— Como assim?

— A tal da senhora com pose de Hebe Camargo, sabe?

— A Solidão? Então não é mesmo coisa da minha cabeça?!

— Claro que não! Ela me disse um bando de coisas... Mas a principal delas era para que, assim que o nosso papo terminasse, eu viesse aqui buscá-lo e levá-lo ao aeroporto.

— Ao aeroporto? Como assim?!

— Que o destino de ambos, o meu e o seu, seria resolvido lá. Você tem vinte minutos para arrumar sua mala...

— Mas eu nem sei para onde eu vou...

— Acho que sabe sim, Bento. Longe daqui tem uma linda mulher esperando por você.

Bento sorriu, concordando com Jeremias. Não sabia nem qual visto tinha de ter para encontrá-la ou quanto custava a passagem. Sequer reparara nas coisas que ela havia lhe dito sobre a viagem. A única coisa que povoava a sua cabeça era que precisava vê-la e dizer que a amava, de alguma forma.

— Em minutos arrumo a minha mala, Jeremias. Mas preciso fazer algo no caminho que pode nos atrasar algumas horas...

— Não dá para esperar, Bento?

— Não, não dá.

Os dois chegaram ao aeroporto internacional já no começo da noite. Correram feito doidos para comprar a passagem, mas só haveria voos no dia seguinte. As viagens haviam se estabilizado há poucas horas e apenas voos de curta distância estavam liberados. Viajar para a Nova Zelândia requeria 20 horas de viagem e os sistemas de comunicação brasileiros estariam aptos somente no dia seguinte para aviões de grande porte, necessários para trajetos como aquele.

— Moça, você acha que amanhã o meu amigo consegue embarcar? Ele precisa encontrar o amor da vida dele – pedia Jeremias à atendente.

— Espero que sim, moço. Torço por finais felizes.

— Eu também – Jeremias sorriu, meio tímido. — Posso saber o seu nome?

— Claro, é Aurora.

— Mais uma princesa da Disney no meu caminho – disse Jeremias, sem pensar.

Bento sorriu, tentando se animar. Deixou Jeremias explicando à moça que sua esposa se chamava Ariel e foi sentar em um dos bancos de espera. Estava determinado a cumprir o seu destino. Nem se fosse preciso esperar um mês sentado ali, iria ao encontro de sua sereia encantada. Perdido em pensamentos, não viu as horas passarem, idealizando o momento que iria reencontrar Ariel. Caminhou para o sono sem perceber...

Despertou com o chacoalhão de Jeremias.

— Bento, acorde!

— O voo vai poder sair?

— Nada disso, meu amigo. A Aurora conseguiu falar com os chefes dela. Conseguiu descobrir que vem um voo amanhã à noite da Nova Zelândia e que, se você tiver a documentação necessária, te coloca dentro dele, já que eles vão voltar para o país após trocarem de pilotos. O que acha?

— Por mim está ótimo. Consegue a lista da documentação para mim, por favor?

— Já está tudo aqui. Vou te levar para casa. Espere só um pouquinho que vou levar a Aurora também.

Bento olhou o amigo sem entender nada.

— Como assim?

— Bem, ela é legal. Conteí a sua história para ela e o assunto rendeu. Papo vai, papo vem, a Aurora e eu parecemos nos entender, sabe? O importante é que ela aceitou o meu convite para almoçar amanhã. — Jeremias olhou o relógio. — Bem, hoje mais tarde.

— É, parece que o toque da Solidão rendeu, hein? — Bento comentou, sorrindo.

— E não é que foi verdade? Sabia que para ela o papo foi mais ou menos o mesmo? Disse que o príncipe de verdade iria chegar. Sem cavalo ou beleza visível, mas que a tocaria no coração, onde verdadeiramente interessaria.

Bento bateu nas costas dele, em um gesto amistoso, antes que ele fosse chamar Aurora. O trajeto de volta não foi triste, mas cheio de esperanças pelo que viria. Jeremias e a sua princesa se despediram rapidamente e viraram a esquina. Bento subiu no apartamento e pouco dormiu, pensando em tudo que deveria providenciar.

Dormiu e acordou num piscar de olhos e foi atrás de ajeitar a viagem em busca dos seus sonhos. Viu nos papéis que era bem mais fácil entrar na Nova Zelândia que nos EUA, desde que tivesse lugar onde se hospedar, passagem de ida e volta já compradas e comprovante de que tinha renda suficiente para se manter lá por até três meses. Foi à agência de turismo, preencheu a papelada necessária, reservou hotel e ajeitou os papéis de câmbio no banco. Não hesitou em pagar mais caro devido à urgência da ocasião. Para a felicidade não havia preço.

Quando Jeremias chegou, duas horas antes da programada para o voo, Bento já estava pronto. Ansioso, trocou poucas palavras com o amigo. Apenas ouvia o grandão comentar com alegria as horas passadas ao lado de Aurora.

Jeremias não a havia deixado em casa instantaneamente. Pararam em uma lanchonete e conversaram sobre tudo – e sobre nada – até quase o dia raiar. Na hora de se despedirem, trocaram o beijo, aquele cheio de vontade, com sabor de orvalho e promessa a se cumprir. Trocaram mensagens o dia todo e sabia que mal esperavam para se ver novamente no aeroporto, onde se conheceram.

No horário previsto, Bento estava lá para fazer o *check-in*. Foi atendido por Aurora e a agradeceu por toda a atenção. Desejou também que fosse feliz ao lado de Jeremias, assim como a Solidão havia previsto. Ela sorriu, encabulada e o beijou no rosto.

Vermelho como um pimentão, Bento saiu da fila e Jeremias o acompanhou até a área próxima ao embarque. Silenciosos e perdidos em pensamentos, os dois permaneceram juntos até a hora prevista da chegada do grande avião que iria levá-lo para perseguir o seu destino em outro país. Bento limpou o óculos várias vezes – as lentes estavam irritando os seus olhos – e rezou repetidamente para que tudo desse certo. Jeremias colocava as mãos em seu ombro em um gesto cúmplice e dizia vez ou outra palavras de calma e encorajamento. Afinal, durante as próximas 24 horas pelo menos, só poderia torcer para que tudo desse certo na vida de seu amigo.

— Bom amigo, é hora de seguir o seu destino em busca de Ariel – disse Jeremias, se levantando ao se aproximar a hora de Bento entrar na área de embarque. — Estaremos torcendo aqui por você.

Promete me avisar quando tudo der certo?

— Prometo, grandão. Obrigado pela sua amizade. Te amo, meu amigo.

Jeremias, surpreso, enxugou sem jeito uma lágrima que escorreu pelos olhos e ergueu Bento num abraço afetuoso.

— Também te amo, meu amigo. Vá com Deus e que a Solidão não te acompanhe.

Ambos sorriram e, em poucos minutos, Bento se dirigiu à zona de embarque.

Ficou olhando a pista até que o gigante avião alcançou a pista de pouso. Em um barulho ensurdecedor, ele se aproximou de outras máquinas, tão gigantes quanto ele, e finalmente parou. Bento ficou olhando os passageiros descerem, cansados da viagem, e andarem hesitantes depois de tantas horas longe da terra firme. Vidas iguais a dele, com destinos inversos, tão pertos e, ao mesmo tempo, tão longe. O ônibus os pegou nos pés do avião e os trouxe para uma porta adjacente a dele. Se não fosse o vidro dos corredores, Bento poderia tocá-los, desejando as boas-vindas depois de tão exausta jornada.

De relance, perdido em seus devaneios, uma mancha vermelha passou diante dos olhos de Bento. O nosso herói pálido, magrelo, *nerd*, *geek* ou o que quer que fosse, virou os olhos repentinamente e não acreditou no que seus olhos viam. Do ônibus descia uma figura já conhecida e amada por ele, na direção da pista de desembarque. Parecia cansada e ainda menor, com uma meia encobrendo as tatuagens de suas coxas. Uma fita azul no cabelo da mesma cor que o batom que deliciosamente cobria aquela boca que o nosso rapaz tanto gostava de beijar.

Agora Bento entendeu o que a Solidão havia ensinado a ele. Que quando ele abdicasse de tudo, sem pestanejar, o amor voltaria para o seu lado.

— Ariel! – Bento correu como desesperado, largando a mala e voltando à sala do aeroporto. Depois de perder um bom tempo explicando aos policiais o que estava acontecendo, quase voou até o local de desembarque.

Conseguiu ver ao longe Jeremias, abraçado a Aurora, olhando boquiaberto para sua sereia. Ariel o fitava sem entender o que o amigo urso de Bento estava fazendo por ali. Quando Jeremias começou a explicar a uma espantada Ariel o tamanho desencontro, Bento gritou mais uma vez com todas as suas forças.

— Ariel!

Ela olhou em sua direção, reconhecendo sua fina figura se aproximando. Ele sorriu, encantado, e ela lhe sorriu de volta, em um gesto de reconhecimento mútuo que só quem ama verdadeiramente conhece. Sem hesitar, Bento a abraçou e a beijou, com vontade, força e saudade, como se pudesse em um simples gesto recompensar todo o tempo que perderam longe um do outro. Sem uma palavra, pegou as malas dela, deixando as suas esquecidas no chão do aeroporto, juntas à passagem, que foi transferida para outra data...

Bento foi sim conhecer a Nova Zelândia, mas com Ariel... E isso é outra história.

O importante é que eles foram para casa e se amaram, como nunca haviam feito antes. Perdoaram-se, acusaram-se e se despiram não só das roupas, mas das ilusões que um tinha sobre o outro. Bento pediu demissão do *site* de informática e decidiu escrever sobre viagens, correndo o mundo com Ariel a tiracolo. E posso te contar uma coisa: ele fez até mais sucesso do que antes. A ruivinha com nome de princesa e roupa de *pin up* não deixou por menos. De câmera na mão, bomba na *internet* falando sobre as tatuagens e pinturas corporais de cada país onde passam. E nada de perder a mão no trabalho. Só se

aperfeiçoou e sua arte é vista com regularidade nas principais revistas do mundo sobre *tattoo*.

Só agora que Ariel diminuiu um pouco o ritmo. Grávida, de gêmeos, quer voltar ao Brasil para ter os seus pequenos. Só não se decidiram nos nomes. Ela quer Tiana e Felipe, coisa de quem tem nome de desenho da Disney. Ele quer Zelda e Tron, nem precisamos falar o porquê. Ambos, em segredo, estão esperando chegar ao Brasil para conseguir o apoio de Jeremias e Aurora nesse embate, que estão casados e vão bem, obrigado.

Os dois ainda vão visitar a Solidão, de vez em quando, para desanuviar a cabeça e se entenderem. Bento contou a ela sobre a conversa que teve com a gentil senhora, mas Ariel sempre desconversou sobre qual foi o tom da conversa que a fez voltar no primeiro avião ao encontro do seu amado. Porque todas as vezes, no silêncio do quarto, quando os corpos nus dos dois estão entrelaçados ela se lembra.

As duas não conversaram muito, isso é uma verdade. A coisa mais importante foi a imagem que a Solidão lhe mostrou. A de Bento, pensando nela, em uma sala de tatuagem, transformando a pequena engrenagem que ele fizera anteriormente em um coração feito de roldanas, peças e maquinarias, com o nome dela habilmente escrito, junto com as palavras “Amor de verdade”. A mesma tatuagem que ele fizera horas antes de chegar ao aeroporto, suportando todo o seu pavor de agulhas. A mesma imagem que na escuridão do corpo, ela colocava a mão, e sentia o coração dele bater compassadamente. Por ela...

Pela história dos dois.

Agradecimentos

Falar com a solidão não faz parte apenas da minha vida, acho que faz da de todos nós... Antes de agradecer a todos que estão ao meu lado, seguram os meus trancos e loucuras, e fazem as suas sugestões, tenho de agradecer à velha senhora. Dar voz a ela foi uma honra e espero que mude a vida de vocês como fez com a minha.

Sobre o autor

Antes de tudo, um maluco por histórias. Este é Danilo Barbosa, que sempre está atrás de algum livro novo ou tendo ideias malucas para seus textos.

Publicitário por profissão, mergulhado no universo literário sempre, é criador do site Literatura de Cabeça e fica se metendo onde lhe chamam. Falou em livros, pode chamá-lo.

É autor do livro Arma de Vingança que, em pouco mais de um ano, esgotou sua primeira edição impressa.

Entre em contato:

- *E-mail*: daniло_musica@yahoo.com.br
- *Twitter*: [@daniло_livros](https://twitter.com/daniло_livros)
- *Facebook*: www.facebook.com/autordaniлоbarbosa
- *Site*: www.literaturadecabeca.com.br

Outros trabalhos do autor na Amazon:

- [A Voz](#)
- [Arma de Vingança](#)